



MOSTRA
**OLHAR:
UM ATO DE RESISTÊNCIA**

www.forumdoc.org.br

Davi contra Golias de Aurélio Michiles

por Mario Miranda

O título do filme invoca a mítica história do jovem Davi enfrentando o soldado filisteu, Golias, que teria 2,92 metro de altura. Apesar de sugerir uma luta vencida pelo mais fraco, num primeiro momento parece estranho que o diretor Aurélio Michiles tenha dado esse título para um filme que denuncia o massacre dos índios da aldeia Haximu, que ocorreu em julho de 1993 e que foi cometida por garimpeiros que tinham invadido as terras Yanomami do lado brasileiro. Provocação de Michiles ao pôr o xamã Davi Kopenawa no lugar do Davi bíblico nestes tempos de fundamentalismo religioso católico e evangélico?

Se o povo Yanomami, representado por Kopenawa, é o Davi neste filme, quem seria o Golias? Poderíamos pensar nos garimpeiros, que de fato foram quem cometeram a atrocidade contra o povo Yanomami? Porém, eles são, como diz Kopenawa, porcos se lambuzando na lama ou pobres seres brutais que estão fazendo o trabalho sujo a mando de ricos empresários que aproveitam das riquezas que tantas mortes causaram, incluindo a dos próprios garimpeiros. A imagem de Golias é imponente. E o "gigante" que aparece em oposição aos índios no filme é o Palácio do Congresso Nacional. Monumento arquitetônico e simbólico, essa casa do povo tem se tornado o castelos dos horrores para os indígenas. Afinal, a PEC 215/00 foi criada no Congresso. Que os Xapiri livres e guardem os yanomami desta que seria a última investida genocida do Estado brasileiro contra os povos originários.

Davi contra Golias - Yanomami tem como centro irradiador uma entrevista que Davi Kopenawa concedeu na viagem que fez a Brasília ao lado de outros Yanomami para exigir ações do governo contra os garimpeiros que assassinaram os 12 indígenas da aldeia Haximu. A figura digna e firme do xamã reforça o poder de suas palavras. Entretanto, o filme reconfigura por meio de fusões, fumaças etc., a sua imagem. Perturbações visuais que, ao mesmo que potencializam, parecem colocar em xeque a efetividade real da entrevista. O mesmo acontece com a fotografia dos yanomamis assassinados, reproduzida de várias

maneiras. Por exemplo, pela fusão com um plano de grande incêndio, estas pessoas parecem estar sendo reduzidas a cinzas pelo fogo. Num outro momento, a câmera percorre lentamente a superfície da fotografia, individualizando cada uma das pessoas que estão ali retratadas. Assim, a foto também parece ser insuficiente para dar uma noção da dimensão da tragédia. Michiles parece querer provocar um sentimento de urgência no espectador, criando um ritmo forte por meio da montagem de materiais os mais diversos: planos de ossos, de caveiras, de manchetes de jornais. Não contente com esta sensação de horror provocada por um certo caos audiovisual (o som tem um papel marcante nesta construção), usa-se o sangue como recurso bastante expressivo. O ápice deste recursos é uma mão ensanguentada, que ao bater na lente da câmera, deixa uma mancha vermelha que escorrega pelo vidro, feito um filme de terror. Imagens reiteradas de vários apresentadores de telejornais brasileiros anunciando a massacre são associadas a planos da população, no Brasil e no exterior, prestando solidariedade e protestando contra a massacre. Todos esses expedientes estão ali na tentativa de criar um diálogo com o público urbano, não índio. Além disso, os jornais ensanguentados, que noticiam a massacre, estão escritos em português, espanhol e inglês, configurando o espectro de países americanos que têm em suas histórias vários genocídios e perseguições às comunidades indígenas. São jornais de diversos lugares do continente americano, nos quais essa notícia circulou. A maneira como são apresentados, ensanguentados e espalhados no chão das florestas, desperta comoção e indignação, assim como indicam que ataques semelhantes acontecem com a população indígena de todo o continente. Eles apenas confirmam que aqueles que hoje querem subjugar os povos ameríndios são maus espíritos como os de antigamente, não apenas comedores de terra, mas também comedores de gente, como afirma Davi Kopenawa.